

UMA LONGA VIAGEM  
COM  
MARIA FILOMENA MÓNICA

JOÃO CÉU E SILVA

UMA LONGA VIAGEM  
COM  
MARIA FILOMENA MÓNICA

CONTRAPONTO.

# ÍNDICE

«DE MINISSAIA, LOURA E GIRA».....	9
OBJETIVO NÚMERO 1: DESTRUIR OS HERÓIS DA HISTÓRIA .....	23
EÇA PRETERIDO PELA PAIXÃO POR MARX.....	39
«NÃO TENHO FEITIO PARA MILITANTE DE GRUPO» .....	89
APRENDER HISTÓRIA PELO MANUAL DA TERCEIRA CLASSE.....	105
NEVOEIRO IDEOLÓGICO E ORFANDEDE POLÍTICA.....	121
«DETESTAVA O PAR JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR»....	137
PARIS NUNCA .....	147
SOCIÓLOGA MAIS OU MENOS .....	165
VISITAS AOS PODRES DA NAÇÃO.....	187
«A SOPHIA NÃO ME INTERESSA» .....	219
«NÃO ME CHATEIEM» .....	235
UMA FIGURA TRÁGICA ATRAVESSA-SE NO CAMINHO.....	253
BIOGRAFAR UM SONÂMBULO .....	269
O POETA DA LOJA DE FERRAGENS .....	275
A ATRAÇÃO PELO TITILANTE .....	287
CRONOLOGIA .....	301

## «DE MINISSAIA, LOURA E GIRA»

Ainda não se chegara às primeiras três horas de conversa quando se percebe que Maria Filomena Mónica (n. 1943) decidira revelar pilares importantes do seu percurso de vida e de obra através de quatro afirmações categóricas: a intelectual que na juventude se considerava uma analfabeta, apesar de ter feito o curso de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa; o ter optado por estudar em Oxford só porque Salazar proibia a Sociologia; a filha que não queria acatar os preceitos da religião católica que orientaram a vida da mãe; bem como a imagem que tem de si, uma rebelde de «minissaia, loura e gira», que assustava os «rapazes» seus contemporâneos. Se tais confissões surgiram cedo, não foi difícil confirmar o quão verdadeiras eram através de um interrogatório cerrado nas duas dezenas de sessões que se sucederam, principalmente por entre esse quarteto de primeiras afirmações existirem certas histórias nunca contadas e silêncios a que decidira pôr um fim.

Vamos à ignorância que desde cedo a atormentava: «Cheguei a Oxford com a sensação de que era completamente analfabeta, e até fui um mês antes para me preparar. Como era muito insegura e burra, o meu desejo era saber mais e ser mais culta. Então, o supervisor deu-me um livro clássico de Sociologia, *O Suicídio* do Émile Durkheim, para me ocupar enquanto o trimestre não começava. E lá repeti que era uma analfabeta e uma estúpida e nada tinha aprendido em Portugal. Respondeu-me que não lhe interessavam

as minhas opiniões: “Vá para casa e daqui a uma semana volte com um *paper* de três ou quatro páginas sobre este livro.” Fiquei tão espantada por me exigir esta leitura em apenas uma semana enquanto a Faculdade de Letras não exigia mais do que um livro por ano. Quando entreguei o trabalho, disse-me, quase de imediato, que não era aquilo que queria: “O que a senhora fez foi resumir o livro; eu sei o que ele diz, o que quero é a sua opinião.” Esse *paper* foi tão importante que o guardei e ainda o tenho cá em casa.»

Sobre o doutoramento que lhe mudou a vida diz: «Como o Salazar proibia a Sociologia em Portugal, achei que deveria ser ótimo. Era esse o meu critério: a minha mãe proíbe, deve ser bom. O não-sei-quantos proíbe, deve ser fantástico. É muito característico do meu temperamento e, mesmo que não tenha gostado de Sociologia, como tinha uma bolsa da Gulbenkian senti-me na obrigação de terminar e fazer a tese na área da Educação. A única coisa que me ficou desse doutoramento, após ter lido centenas de livros chatérrimos, foi habituar-me a olhar a sociedade, o que me ajudou na investigação que se seguiu e também quando comecei a escrever em jornais. Os meus colegas achavam que uma pessoa com o doutoramento mais prestigiado do mundo, o D. Phil (Doctor of Philosophy), não deveria sair do meio académico e pôr-se a escrever num jornal. Não lhes liguei até hoje, e dá-me prazer usar uma linguagem que seja acessível a toda a gente. Nada tenho a esconder, nem tenho telhados de vidro. Quando as pessoas dizem que gostaram do meu artigo e que fui muito corajosa, respondo que não, que “digo as coisas como elas são”. Muitos estranham que fale de mim, porque os portugueses não estão habituados a que alguém opte pela extroversão, em parte pelo medo que vem de outros tempos, bem como de parecermos ridículos ou moralistas, e evitam a exposição pessoal – que faço com a maior naturalidade, por me ter habituado lá fora a ler textos intimistas em livros e jornais.»

Quando explica o afastamento da religião católica, os exemplos que dá são radicais, além de que o seu pendor confessional a

impediu de esconder alguns «pecados» que testemunhou: «De um lado, estava a minha mãe, que era uma fanática e membro muito importante na Igreja portuguesa. Teria um desgosto horrível se eu sáisse da Igreja, mas aos dezoito anos já tinha decidido que não queria continuar a ser católica. Por outro lado, sempre detestei os católicos progressistas, que pensavam que essa via era a forma fácil para praticarem sexo fora do matrimónio continuando a ser católicos. Isso para mim não fazia sentido, era até hipócrita, e ainda mais me fez dizer “Quero sair da Igreja”.» Não cita os católicos progressistas por acaso, e recorda o ano de 1968 e um episódio que a chocou: «Um dia, eu e o Vasco [Pulido Valente] fomos convidados para ir a uma festa em casa dos Vaz da Silva e fiquei horrorizada com o que encontrei, porque não sou de ir a orgias sexuais. Achei que o Alberto e a Helena Vaz da Silva e o João Bénard da Costa estavam a brincar comigo. Não sei se era uma prática comum, porque só lá fui uma vez, mas achei aquilo um nojo. Nunca mais lá quis voltar. Estavam todos nus, a fazer amor uns com os outros. Um estava dentro de uma banheira com uma daquelas coisas triangulares que os bispos põem na cabeça. Era uma espécie de dessacralização da religião, e acho que nem o faziam por gostarem muito de sexo, nem aquilo era terno ou envolvia amor. Creio que teria muito a ver com o Maio de 68, momento político que nunca me entusiasmou, quanto mais não fosse por falta de tempo. Ainda me perguntaram: “Porque não te despes?”; respondi: “Muito obrigada, mas não.” Achei aquilo horrível, ainda por cima eram todos feios, gordos, pelo menos na aparência. Aquela situação deveria ser muito rara, não penso que fosse comum.»

No que respeita à forma como seria vista à época, não se fica por meias-palavras: «Eu era uma menina queque, que usava minissaia, loura e muito gira. Os colegas da faculdade tinham imenso medo de mim e, no primeiro ano, só fiquei amiga do José Medeiros Ferreira – porque ele era atrevido. Foi o único rapaz que encontrei que não me olhou como uma boneca bonita, que é tonta porque é loura e usa minissaia. Depois, em Oxford, acho

que me olhavam com estranheza por vir de um país tão pobre e ser loura, e pôs-se-me um problema: começo a vestir-me como elas, trapalhonas, ou continuo com a minha minissaia? Convenci-me rapidamente de que não podia abdicar de ser quem era, portanto continuaria a maquilhar-me e a ser exatamente a mesma. O que infundia alguma distância, até porque entre os cem alunos do College não existiriam mais do que quatro mulheres.» Essa questão do aspeto volta a pôr-se poucos anos depois: «Houve uma altura em que pensava que os comunistas tinham sofrido tanto às mãos da PIDE que considerei se não deveria tornar-me militante do Partido Comunista Português. Era a atração por aqueles que se sacrificaram mais, mas rapidamente achei que aparecer no PCP, de minissaia, loura e sendo mulher, não seria muito atraente para eles, e ao primeiro embate – se não me deixassem publicar um artigo no *Avante!* – iria tudo pelos ares.» Não deixa de recordar o que lhe disse uma amiga que vive nos Estados Unidos: «Ela não percebe como cheguei a diretora do Centro de Investigações Sociais ou o facto de integrar o Senado Universitário devido ao machismo de então. “Não te foi difícil?”, perguntava. A minha atitude foi sempre a de atuar como se isso não existisse. De certa maneira não fiz nada, limitei-me a ser eu e a não deixar que me fizessem tropelias lá por ser mulher.»

Não se ficou por aqui: seguiram-se seis meses de sessões que desvendaram muito daquilo que ainda não conhecia sobre Maria Filomena Mónica, mesmo que a primeira entrevista que lhe fizera datasse de 1999, a propósito do *Dicionário de História de Portugal*, no Instituto de Ciências Sociais, numa sala de onde se recusava a sair, sendo uma entre os poucos investigadores que não arredavam pé de um espaço dominado pela penumbra e velhice, como era aquele edifício na rua Miguel Lupi. Entre esse ano do século passado e o de 2022, deu uma dezena de entrevistas, sempre que lançava um novo livro, e que foram publicadas no *Diário de Notícias*.

O único tema proibido tinha um nome: Vasco [Pulido Valente], situação que ficou acertada desde o início. O antigo companheiro tinha cortado relações após a publicação das suas memórias, a famosa autobiografia intitulada *Bilhete de Identidade*, em que contara pormenorizadamente, e dando nome a todos os protagonistas, a primeira parte da sua vida, de 1943 a 1976; essa atitude magoara-a. Um boicote que com o decorrer das sessões foi aliviado, referindo-se-lhe por vezes como «aquele de quem não podemos dizer o nome», até porque a sua morte impedia qualquer reconciliação. Vasco nunca a perdoara; confirmara essa situação com ele quando o questionara sobre essas referências no livro e a resposta mais não fora do que levantar-se da cadeira de forma abrupta e ir-se embora sem se despedir ou dar por terminada a entrevista.

O desejo de retratar Maria Filomena Mónica vinha de longe, mas a demora da pandemia da covid-19 em desaparecer da vida quotidiana foi atrasando um entendimento, sendo que ao terceiro telefonema conseguiu-se marcar a primeira sessão para 20 de maio de 2022. Daí até ao fim de novembro, as várias quartas-feiras foram dias de encontro, quase metade delas com máscara. Maria Filomena Mónica foi a primeira a prescindir da máscara – a física, porque a que a poderia encobrir a sua vida raramente esteve presente. Nas poucas vezes que foi preciso encostá-la ao muro de forma a ir além do que seria a sua intenção inicial, sem conflito, respondia apenas: «Sobre isso não falo mais.» Contudo, no momento apropriado, cedia com um «Então, falemos o mínimo sobre esse assunto».

Não se pode dizer que *Uma Longa Viagem com Maria Filomena Mónica* não existiria se não tivesse escrito *Bilhete de Identidade* (2005), tendo em conta muitos outros livros de sua autoria, imprescindíveis para radiografar o nosso país de forma impiedosa e que lhe deram um importante estatuto intelectual. Ou seja, de uma forma corajosa, o *Bilhete* era a prova de que não se tratava apenas de uma socióloga encartada mas tinha algo mais para dar

aos leitores. Entre os bons exemplos de uma produção anterior contam-se *Visitas ao Poder* (1993) e as biografias de *Fontes Pereira de Melo* (1999) e de *Eça de Queirós* (2001). No entanto, a autobiografia colocou a investigadora no mundo da edição nacional de uma forma rara e, como se recusa a escrever a desejada sequência, era grande a expectativa para com o que poderia revelar nestas conversas. Como frontalidade não lhe falta, por exemplo, na décima quarta sessão afirmou: «Gosto de falar sobre como vejo o país, como foi o meu passado amoroso, o que é ser mulher em Portugal.» Sim, estes eram alguns dos temas que deveriam ter continuação, apesar de, com o passar dos anos pós-1976, existirem muitos outros sobre os quais seria imperioso falar. Como o que na sessão anterior fizera questão de enfrentar, a questão da morte, ao referir de uma forma bastante sincera o que pensava sobre o mieloma múltiplo de que sofre: «O meu medo era o Alzheimer, portanto quando o médico me revelou que tinha um cancro, fiquei mais descansada.» Lá mais para a frente irá dizer: «Em relação à doença e à morte, vejo-as com alguma serenidade, e tenho uma frase em que defino o meu fim: um medonho muro. Esse dia há de chegar, verei esse medonho muro, e o que me resta é enfrentar a morte. Estou é farta dos tratamentos.» Pergunta-se quanto pensa na doença e na morte. «O mínimo», é a resposta dada quase em surdina. É fácil perceber que prefere recordar outros tempos e o *slogan* que repete amiúde, que resume em grande parte o retrato que faz de si: «De minissaia, loura e gira.»

### **Receia estar a aproximar-se do fim devido à doença?**

No fim da vida estou de certeza. Vou à consulta dentro de uns dias [estamos em maio de 2022] e o médico irá olhar para as análises. Estou preparada para que me diga «Tem seis meses de vida»; tal como estou pronta para escutar «Vá para casa e continue a fazer a quimioterapia». O facto de ter filhos e netos chegou-me. Nunca fui muito maternal, o que se viu quando nasceu a minha filha e era suposto eu ficar muito babada com o bebé. Ainda tentei

dar de mamar, mas o meu leite não prestava e a criança não parava de chorar. O médico mandou fazer uma análise ao meu leite, soube que era completamente aguado e tinha de complementar com o biberão – fiquei satisfeitíssima. Ao segundo filho só dei biberão, até porque estava a trabalhar. As pessoas nem se lembram das diferenças entre os tempos de hoje e os de então, de 1963/1964, quando a licença de maternidade era de quinze dias. Acho que estive um pouco deprimida após o nascimento do segundo, mas, pelo que li, esse estado faz parte. Na altura estaria um pouco tristonha devido ao cansaço por ter tido dois filhos no mesmo ano – o segundo era fruto da sabedoria popular, de que quando se está a dar de mamar não se engravida. Viu-se no que deu! Ainda não havia a pílula. Nunca fui o género de mãe de estar muito com os filhos; passei mais tempo a brincar com os netos. Eles conhecem-me bem, sabem que era muito nova e que vieram cedo demais.

### **Como foi a reação dos filhos à doença?**

Foi boa. Tentaram tratar-me como se nada se passasse, exceto na exigência de que deveria ouvir uma segunda opinião. Foi uma boa ideia, como se veio a revelar, porque o mieloma múltiplo tem gerado muito debate. A minha filha levou-me a outro médico, que me descansou. Prometi a mim própria nunca ir ao «Dr. Google» porque sou hipocondríaca – agora, com o cancro, escuso de o ser.

**É no prefácio de *A Minha Europa* que revela ter-lhe sido diagnosticado um cancro no verão de 2014 e que teve dificuldade em continuar a trabalhar no livro. Esse é um momento complicado ou *o mais* complicado?**

Foi o momento em que fiquei mais triste. Complicado também, porque associada à palavra «cancro» está a ideia de que se vai morrer daí a dois dias. Sendo uma doença muito grave, o médico que a diagnosticou não quis ser alarmista nem falar do tempo de vida que teria – depois percebi que era pouco. Disse-me que seria uma doença de foro oncológico e ficou muito admirado com a

frieza com que recebi a notícia; uma frieza que não era planeada, mas porque o meu grande terror era ter Alzheimer. De forma instintiva, pensei que se tinha um cancro não iria morrer como a minha mãe – que foi uma situação muito dolorosa na minha vida durante onze anos. Assim como assim, mais vale ter um cancro. O médico sossegou-me ao dizer que existiam tratamentos – muito chatos porque eram semanais –, mas a química correu melhor do que esperava devido ao avanço da tecnologia. Vários amigos achavam que deveria ser tratada no estrangeiro, no entanto disse-lhes que isso não fazia sentido; preferia estar com a minha família, e não sozinha e fechada num quarto. Resignei-me e continuei a fazer a vida normal e a tentar acabar o meu livro. A certa altura, com as primeiras injeções do tratamento, achei que não iria conseguir terminá-lo, e esse foi o período mais difícil. Acabado o livro, disse para mim: «O que tenho a fazer é aproveitar o tempo e escrever outro.» Foi a melhor decisão que tomei, tanto que escrevi mais livros por ano após o cancro do que antes. Se tenho dores? Sim. Se acho que vou morrer? Vou. Não sei é quando. Felizmente, tenho uma forma de escapar à angústia e à ansiedade: escrever.

Durante os meses de conversas, raras vezes foi ao hospital por ordem médica devido à pandemia da covid-19: «Ele atrasou o tratamento por recear que fosse infetada – não tenho sistema imunitário após cinco anos de tratamentos.» Essa ausência da quimioterapia não a preocupou assim tanto, encontrando várias justificações: «Creio que está mais avançada ao nível do conteúdo das injeções», ou recordando que «ao princípio era pior porque tomava cortisona, que dá imensa alegria e vitalidade durante vinte e quatro horas, mas depois põe-nos de rastos e deixava-me a dormir pelos cantos da casa.»

### **Não receou o olhar do outro ao revelar o cancro?**

A princípio julgava que me ia cair o cabelo, mas descobri que depende das químios. A enfermeira disse-me que ia ficar muito

fraquinha e com dores mas não perderia cabelo. E não caiu. Acho que não estou com cara de ter cancro, daí que o olhar do outro não me perturbe, mesmo que numa festa de Natal, em casa de uma amiga, uma das convidadas me tenha dito que eu não tinha cara de ter um cancro e perguntado: «Estás a fazer-te de engraçada?» Eu respondi que sim, que era o meu género fazer-me de engraçadinha por ter um cancro. Ou seja, a ideia do olhar do outro e do que estão a pensar irrita-me mais do que me deprime. O que aconteceu foi ter cada vez menos paciência para ver pessoas, o que é estúpido e injusto. Algumas são mesmo minhas amigas, mas preferi ficar muito fechada em casa e ocupar o pensamento no que vou escrever a seguir. Sei que estou a fechar-me demais, mas sigo o conselho do oncologista: «A partir de agora meta na sua cabeça que tem de ser egoísta. Está doente, no fim da vida, faça o que lhe dá gozo.» E o que me dá prazer é ler e escrever.

### **Qual foi a razão para deixar impressa num livro a existência do cancro? Um exorcismo?**

Queria falar de uma doença que atinge tantas pessoas com a simplicidade de quando dizemos «Amanhã vou tirar um dente». O cancro é uma doença como outra qualquer; é mais mortífera, contudo não sou a favor de que se vá para as redes sociais dizer «Estou a lutar contra o cancro», até porque é o médico que está a lutar e não o doente. Não se o deve esconder, principalmente nunca dizer «Venci o cancro», como se fosse uma luta em que alguns perdem e outros ganham e que é por culpa própria que se morre. Se o cancro da mama já tem cura, o do sangue é incurável, e sei isso desde o princípio. Não quero que os outros tenham pena de mim, porque nem eu tenho.

### **A doença alterou os temas sobre o quais gosta de escrever?**

Não. Os temas vão surgindo através de leituras, seja de outros livros ou até de jornais. Estava há muito tempo na minha cabeça escrever *Os Pobres* (2016), por considerar muito injusta a maneira

como os ricos portugueses olham para eles. Foi o que fiz, e depois escrevi *Os Ricos* (2018). Após acabar um livro questiono-me sobre o que poderei escrever a seguir, e assim ando entretida.

**A capa de *A Minha Europa* é uma fotografia em que está a pentear-se. Porque escolheu essa?**

Não fui eu que a escolhi; faz parte do encarte com fotografias e creio que foi selecionada por ser provocatória – para dizer que sou vaidosa. Foi tirada no comboio de Oxford para Londres, e é claro que quem a vê vai dizer que, além de egocêntrica e arrogante, sou vaidosa – quem me conhece mal define-me desta forma muitas vezes, mas não acho que sejam esses os meus defeitos. A beleza não é uma qualidade pela qual tenha lutado, deve-se antes ao meu pai e à minha mãe terem sido muito bonitos. Apesar de ser uma coisa em que nunca pensei mas que me parece ser verdade – nem sei se o diga –, o facto é que nunca retirei grande satisfação da beleza. Até aos treze anos não sabia se era bonita ou feia, depois percebi que era bonita pela enorme fila de namorados que me queriam. Aí, achei que se calhar era bonita. Depois, seguiu-se a fase em que me irritava por os homens olharem para mim como uma boneca. Ainda por cima, como era loura, pensariam «Se é loura, é estúpida» – senti-o logo na faculdade e depois em Oxford. Ser loura e bonita voltava-se contra mim, em vez de ser uma vantagem.

**Nunca achou que era uma vantagem?**

Sim, de manhã, quando me levanto. Depois de estar doente, prefiro estar bonita a estar feia. Apesar de nem sempre estar bonita, porque quando estou mais em baixo fico muito pálida. Isso acontecia quando estava a tomar cortisona e não dormia na primeira noite, só que no dia seguinte, como aquilo faz afluir muitíssimo sangue à cara, olhar-me ao espelho e ver que era bonita dava-me alguma satisfação. É um bocado estúpido descobrir que a beleza só me trouxe satisfação após a doença, mas quando me levanto preciso de ter um objetivo ou começo a pensar que vou morrer.

**Consegue afirmar sem se rir que a beleza nunca lhe deu nenhuma vantagem?**

Sim, consigo dizê-lo. No máximo deu-me uma vantagem muito difusa ao perceber que os rapazes queriam namorar comigo, mas como eu não queria namorar com dezenas deles, pouco proveito tirava.

**E aos trinta anos, o que achava?**

Aos trinta... já estava em Oxford há dois anos. Os rapazes continuavam a olhar para mim, mas não era coisa a que não estivesse habituada. Eram tímidos, mais jovens do que eu, vinham daquelas escolas chiques de Londres e não tinham coragem para se aproximarem de mim. Portanto, se a beleza me afetou foi de forma negativa, além de que a minha parte neurótica impunha-se e fazia com que achasse que toda a gente sabia tudo sobre tudo e eu nada sobre nada. Essa situação só mudou quando um colega [Gabriel Gorodetsky] me abriu os olhos em Oxford ao dizer: «Estás maluca. A maior parte destes professores são uns patetas.» Estávamos no refeitório e apontou para os docentes: «Daqueles todos, noventa por cento são idiotas, por isso não debes sentir-te assim.» Ou seja, desmistificou a ideia que tinha de Oxford como uma torre de marfim onde a sabedoria brilhava. Ele tornara-se meu amigo porque habitava no quarto por cima do meu, e quando me instalei veio perguntar-me se me importava de que ele praticasse clarinete. Respondi-lhe que não e que até gostava imenso. Conclusão: se eu fosse feia, ficaríamos amigos na mesma.

**Há uma outra fotografia nesse encarte, sentada num banco de jardim, em que está suficientemente displicente para confirmar que se acha bonita!**

Acho-me bonita, mas o que penso é que a beleza teve efeitos positivos e negativos. Por norma, ninguém pensa nos segundos; um deles é acharem que «Nem vale a pena ligar a esta, que é burra como as pedras» sem sequer terem falado comigo. Ou então: «Com esta não me meto, porque é bonita.»

**Reformulo a pergunta: é a displicência de quem nem precisa de fazer pose, porque basta estar ali para a câmara fazer o melhor retrato?**

Não era um fotógrafo profissional, mas o António [Barreto]. E foi uma fita, porque detesto ser fotografada ou ir à televisão. Não tem que ver com a beleza, é por não gostar dos holofotes. Mas prefiro ser bonita a ser feia. Sou assim, ou me aceitam ou não. O que sei é que lutei o dobro do que seria necessário se tivesse nascido homem, mas não presto atenção a isso ou esmoreço.

Fazer o retrato de Maria Filomena Mónica não é tão fácil como dá a entender, afinal a transparência que projeta à primeira vista não é total e será necessário ir escavando sucessivamente, no decurso das sessões, para descobrir o que permanece encoberto. Ao voltar-se a determinado assunto pode surgir um acrescento antes silenciado – nunca uma versão diferente – e é notório que se está perante um guião bem firmado sobre a sua vida e que será exigido um esforço suplementar para clarificar a protagonista. Nada que seja uma novidade, como se depreende da leitura de duas grandes biografias traduzidas para a língua portuguesa durante estas sessões, sobre as quais se conversou: a de Richard Zenith sobre Fernando Pessoa e a de Benjamin Moser sobre Susan Sontag. A primeira sistematiza a vida do poeta sem acrescentar uma revisão biográfica radical além da já conhecida, enquanto a segunda faz surgir uma nova visão sobre um ícone intelectual do século passado. A aposta desta *Longa Viagem* alinha-se pela da segunda biografia, daí que no interrogatório semanal se busquem contradições a todo o custo. Não foi tarefa fácil, porque, além da presença do «eu» e de uma autobiografia bem digerida, a retórica sobrepunha-se de forma a desmanchar a todo o custo qualquer investida.

Há uma certeza inicial, a de que o seu lado eremita tem vindo a crescer, situação para que a reforma da universidade e a pandemia colaboraram, e que em muito lhe diminuiu a paciência para os «patetas» e para aturar os seus «disparates». Confirma essa

barragem perante o fogo das perguntas em poucas palavras: «Vivo um pouco à parte do mundo.» O melhor exemplo desse isolamento: «Não tenho ido às livrarias.» O que a incomoda: «A quí-mio faz perder a memória. Felizmente, há a Internet.» O que se mantém: «Tenho tendência para ser demasiado iconoclasta; qualquer rebelde com imensas causas ou um que atire uma pedra a uma janela deixa-me logo fascinada.»

O que não perdeu foi o *petit nom* que os amigos sempre lhe chamaram e que usa frequentemente quando se refere a si própria: «Mena» – não será por acaso que o tem bordado nas costas de uma *sweatshirt*. Além de «Mena», também há outra fórmula: «Mena Mónica.» O «Maria» ficou de fora e só um amigo de Oxford, o argentino Ezequiel Gallo, a chamava assim porque «estava muito habituado a esse nome no seu país».

### **Este diminutivo nunca a abandonou porquê?**

Não gosto do nome Filomena, porque era o de uma santa virgem e mártir que estava à beira de um penhasco, e como os hereges a queriam violar preferiu atirar-se. Mesmo antes de saber o que significava ser virgem, já aos quatro anos implicava com o meu nome e fui logo tratada por Mena. Basta ver que a minha mãe nunca me chamou Filomena. Curiosamente, por razões obscuras e que nunca investiguei, ela foi considerada santa pelo Vaticano e deixou de o ser. No entanto, os portugueses não ligaram ao que foi determinado e por todo o Norte continua em força o seu culto – talvez esse meu nome tenha que ver com um avô que era de Felgueiras. Claro que preferia ter outro nome, por isso, no caso dos meus filhos, fui eu que os escolhi, pois se seguisse a tradição, uma seria Maria da Madre de Deus e ele Luís Egas, porque são descendentes do Egas Moniz. Mesmo que a minha mãe, dois dias depois do parto, tenha pegado em ambos e ido batizá-los às escondidas de mim. Para quem é totalmente ateu – é o meu caso –, este sacramento não fazia sentido. Só quem tem fé é que deve educar os filhos na sua religião, sejam católicos, maometanos ou hindus.